

SUICÍDIO

Tribos correm perigo no AM

O mesmo problema que está ocorrendo em tribos do Mato Grosso do Sul, onde índios estão se suicidando, poderá também acontecer nas aldeias da Amazônia. A avaliação é do professor Misael Cláudio Balbuena, 30, um índio guarani da reserva indígena Jaguapiru (MS), localizada próximo à fronteira com Paraguai. Somente na tribo dele morreram 48 pessoas no ano passado, entre homens e mulheres, depois que tomaram veneno utilizando plantas.

Balbuena está em Manaus há 19 dias, amparado pela Pastoral do Migrante, localizada na paróquia de Nossa Senhora dos Remédios, após ter sido assaltado (ver matéria) e deverá retornar amanhã à sua terra.

O professor explicou que os índios da aldeia dele estão abandonados pelo Governo Federal e sem recursos, com dificuldades para comprar alimentos e remédios, vendo a família passando fome. Incentivados a consumir bebidas alcoólicas, eles acabam

PROFESSOR GUARANI DE MATO GROSSO DO SUL DIZ QUE VENDA DE TERRAS E TÓXICOS SALVAM OS ÍNDIOS

se decidindo pelo suicídio. "Tem muitos índios, inclusive do Amazonas, que não têm apoio do Governo. Essa mesma situação de suicídio pode se repetir aqui, na região", comentou.

O professor guarani afirmou que o problema não deve estar acontecendo ainda na Amazônia porque as tribos possuem opções de sobrevivência, como a venda da madeira. "E também já li em reportagens que índios estavam plantando maconha. Tudo isso é humilhante para nós", afirmou.

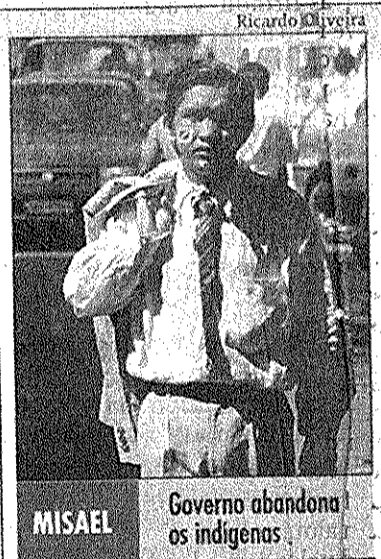
A reserva onde vive, com mais de 3 mil hectares, abriga 9 mil índios de três etnias - guaranis, terenas e caietés.

DESAMPARO

Faltam cuidados à saúde

Na sua bagagem, Misael Balbuena leva uma fita de vídeo, com mais de 30 minutos de gravação, em que mostra imagens das dificuldades enfrentadas pelos índios da sua reserva, principalmente na área da saúde.

Lá, existe apenas um único médico para atender toda a população da área, dispondo apenas de precários equipamentos hospitalares. As doenças que mais atingem a maioria dos adultos e idosos, e a aids afeta principalmente os jovens, devido à prostituição de rapazes e moças. A fita também mostra uma jovem índia que se suicidou porque não agüentava mais viver numa situação de miséria e abandono. "É difícil colocar na cabeça do índio que não deve fazer isso porque ele acha que o Governo tem que ajudar. Não aceita viver assim. O branco veio, tomou nossas terras e nos deixou sem nada. É angustiante ver meu povo, meus familiares morrerem assim", comentou o professor. De acordo com Balbuena, como consequência do abandono do Governo, os homens são obrigados a trabalhar em fazendas de cana ou arrendar suas terras para fazendeiros. Cerca de 70% das terras são alugadas porque o índio não tem recursos para plantar, afirmou. Ele acentuou que, apesar de arrendar as terras, o dinheiro é muito pouco. Existe outro problema:



MISAEI Governo abandona os indígenas

sem comida em casa, a mãe pega os filhos menores e leva à cidade mais próxima para pedir dinheiro. "Os maiores são obrigados a se prostituir para ajudar a família". Tudo isso, aliado ao problema do alcoolismo, que se tornou comum nas aldeias da região e acabou resultando em casos de suicídio, afirmou Balbuena. Ele assinalou ainda que vários índios já foram procurar o Ministério da Justiça para pedir providências do Governo Federal, só que a situação, segundo o professor, ainda não mudou. A única solução encontrada pelos responsáveis pelas tribos foi buscar recursos financeiros fora do Brasil, com a ajuda de organizações não-governamentais (ONGs). Misael Balbuena viajou para a Bélgica recentemente e lá conseguiu verba para montar uma cooperativa agrícola, reformar a escola, pagar professores de inglês e espanhol, e também obteve a garantia de que o índio da sua reserva que tenha o ensino médio completo (antigo 2º grau) possa cursar uma faculdade na Dinamarca ou na Costa Rica.

Sem documentos

O índio Misael Balbuena sofreu na pele as consequências da violência que se abate sobre Manaus. Depois de desembarcar de um ônibus na rodoviária, no dia 28 de agosto, vindo de Boa Vista (RR), ele foi assaltado por três homens armados de facas. Misael perdeu todos os documentos, inclusive o passaporte, e mais R\$ 800. Sem saber como reaver os

pertences, o jeito foi procurar alguém que o ajudasse. Foi quando indicaram a Pastoral do Migrante, cujos integrantes se encarregaram da emissão de segunda via dos documentos para que ele pudesse reformar a Mato Grosso do Sul. A polícia registrou queixa do roubo, mas até agora não tem pista dos assaltantes.